

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

## CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA CONSTRUÇÃO DE UM DIÁLOGO ENTRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Jeanete Simone Fendeler Höelz <sup>1</sup>

Gustavo Arantes Camargo <sup>2</sup>

Juliana Milanez <sup>3</sup>

### RESUMO

O trabalho aqui apresentado integra a pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Doutorado em Ciências Ambientais e Conservação PPGCIAC (UFRJ Macaé), aborda discussões no âmbito da Formação de Professores de nível médio e em relação à Educação Ambiental. Neste recorte, dialogamos especificamente com o pensamento de autores da Educação Crítica, da Educação Ambiental Crítica e da Teoria da Complexidade, traçando subsídios relacionados ao cenário ambiental, os desafios da Escola, do professor e da Educação Ambiental, procurando ampliar referenciais teóricos a partir destas contribuições que possibilitarão uma releitura crítica da realidade socioambiental e educativa com vistas à construção de uma práxis transformadora, emancipatória e libertadora e à formação de educadores ambientais.

**Palavras-chaves:** Educação; Formação de Professores; Educação Ambiental Crítica; Complexidade.

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar reflexões iniciais sobre bases teóricas da pesquisa de Doutorado que vem sendo desenvolvida e que trava um diálogo entre a Educação Ambiental e a Formação de Professores, Nível Médio da Educação Básica, na tentativa de trazer contribuições ao debate, especialmente no que diz respeito à formação de educadores ambientais.

Neste recorte, dialogamos especificamente com o pensamento de alguns autores da Educação Crítica, Educação Ambiental Crítica e da Complexidade, traçando subsídios relacionados ao cenário ambiental, os desafios da Escola, do professor e da Educação

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Ambientais e Conservação (UFRJ). Campus UFRJ Macaé Prof Aloísio Teixeira. E-mail: [jeanete.fendeler@gmail.com](mailto:jeanete.fendeler@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia (UFF). Campus UFRJ Macaé Prof Aloísio Teixeira. E-mail: [gustavonhani@gmail.com](mailto:gustavonhani@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Química (UFSCAR). Campus UFRJ Macaé Prof Aloísio Teixeira. E-mail: [jumilanez@ufrj.br](mailto:jumilanez@ufrj.br).

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Ambiental, procurando ampliar referenciais teóricos a partir destas contribuições.

A condição teórico-metodológica deste trabalho se constrói justamente a partir destes referenciais, que entendem ser preciso uma releitura crítica do modelo de desenvolvimento do mundo, suas relações de trabalho e opressão para o trato das questões ambientais.

Neste sentido, a Educação Ambiental como prática educativa se apresenta como um desafio que se estende a todos envolvidos, principalmente, na Formação dos professores, de educadores ambientais. Tal processo de formação requer busca e participação coletiva, nestes tempos de retrocesso, construídas por meio de uma releitura crítica da realidade socioambiental e educativa, da construção de um novo pensamento integrador, com vistas à práxis transformadora, emancipatória e libertadora; de uma postura ecopedagógica, de consciência planetária, por um mundo em transformação, em metamorfose.

## **2. APROFUNDAMENTO TEÓRICO**

### **2.1. UMA EDUCAÇÃO PARA UM OUTRO MUNDO... UM DESAFIO PARA OS EDUCADORES**

Iniciamos as reflexões deste trabalho a partir de um diálogo com o trabalho de Moacir Gadotti: “Educar para um outro mundo possível”, “Ser Educador – Ser professor”, do livro *Boniteza de um Sonho – Ensinar e aprender com sentido*. (GADOTTI, Moacir, 2011).

As reflexões propostas pelo autor trazem a certeza de que abraçamos uma causa: a construção de outro mundo possível. No entanto se faz necessário compreender do que se trata esse outro mundo possível? A quem esse novo mundo interessa? Como construí-lo e o que nos faz corresponsáveis por esse processo?

Observando o mundo por meio de analogias tecidas por Gadotti percebemos de um lado, o velho mundo, ou seja, o mundo que não é desejado e que precisa ser modificado: O mundo da exclusão, da arrogância e da prepotência. De outro lado, o novo mundo possível, “de uma sociedade onde todos caibam”, onde não há exclusões. (GADOTTI, p.91, 2011)

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

A diversidade é apresentada pelo autor como caminho para um outro mundo possível, um caminho para as possibilidades e, o autor entende que para tal, precisamos desconstruir fetiches da modernidade como o consumo desenfreado, por meio da Educação, numa luta travada pela desalienação.

As injustiças existentes são o motivo central da necessidade de mudança no mundo atual, por isso se faz necessário repensar o modelo existente de mercado e das relações de trabalho; compreender, por exemplo, que as mudanças só interessam aos oprimidos por esse sistema.

Gadotti entende que a constituição desse mundo novo só será possível por meio das relações e não dos objetos. Um mundo não apenas produtivo, mas ambientalmente saudável, sustentável, social e economicamente justo. Desta forma, nos faz entender que uma mudança na vida social está associada há uma mudança na vida econômica.

Nesse sentido, a Educação se torna um instrumento poderoso, capaz de revelar “o que foi escondido, o que foi oprimido” e viabilizar, possibilitando a participação.

E educar para Gadotti seria conscientizar, não no sentido moralista, mas desalienador; educar para a utopia e para a esperança. A negação da utopia para Gadotti é justamente o núcleo central da concepção neoliberal.

A alienação caracteriza-se, portanto, pela extensão universal da “vendabilidade” (isto é, a transformação de tudo em mercadoria); pela conversão dos seres humanos em “coisas”, para que eles possam aparecer como mercadorias no mercado (em outras palavras: a “reificação” das relações humanas); e pela fragmentação do corpo social em “indivíduos isolados”, que perseguem seus próprios objetos limitados, particularistas, “em servidão à necessidade egoísta”, fazendo de seu egoísmo uma virtude em seu culto da privacidade. (MÉSZÁROS, 2006, p.39 *IN* LOUREIRO, 2015, p.8)

Dessa forma, pensar em uma nova educação, para um novo mundo, seria pensar em uma educação para esperança.

Segundo Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia da Esperança” (1997), a esperança é urgente. Urgente na Educação para mudar a História da Humanidade.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

De que a esperança tem sentido se é partejada na inquietação criadora do combate na medida em que, só assim, ela também pode partear novas lutas em outros níveis. (FREIRE, 1997, p.101).

Minha esperança é necessária mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da herança crítica, como o peixe necessita da água despoluída. (FREIRE, 1997, p.5).

E a escola *no* mundo velho, e a escola *para* um novo mundo? A escola atual é fruto da modernidade, cujos interesses estão ligados ao mercado e as suas necessidades, como produção de mão de obra. Gadotti nos propõe uma escola para Planetarização e não para Globalização. Uma escola que se preocupa com a solidariedade e a participação social.

Diante disso, qual seria então o desafio dos educadores? Segundo Gadotti, seria de desmercantilização da educação; assumir uma postura ecopedagógica e educar para planetarização. E Educar para planetarização seria educar em função de outros valores como educar para a paz, para os direitos humanos, para justiça social e para a diversidade. Valores que tenham como meta erradicar a fome e a miséria no mundo.

Quais passos seguir para uma Pedagogia comprometida com os princípios apresentados? Uma Pedagogia em construção, portanto ativa, politicamente engajada e jamais neutra.

Pensando na possibilidade da diversidade de caminhos, Gadotti (2011, p. 59) nos propõe “um conjunto de saberes/valores interdependentes”: Educar para pensar globalmente, Educar os sentimentos; Ensinar a identidade terrena como condição humana essencial; Formar para a consciência planetária; Formar para a compreensão; Educar para a simplicidade e para a quietude.

No entanto o autor apresenta uma condição essencial para isso, Justiça. É necessário garantir a todos o direito de uma Educação de Qualidade, que respeite as culturas, a diversidade e que esteja ao lado dos oprimidos.

“O mesmo movimento que recupera o sentido do trabalho do professor é o que dá sentido ao estudo para o aluno.” (GADOTTI, 2011, p. 69).

Gadotti lança enfim uma provocação, um desafio aos educadores: Reacender o sonho de ser professor, não ignorando o cenário da Educação atual, mas ao contrário instrumentalizando o sonho na verdadeira força para o combate.

## 2.2. TEMPOS DE RETROCESSO. A METAMORFOSE

Esse segundo momento é iniciado por meio de um diálogo com Morin e Diaz, 2016 trazendo à tona reflexões sobre a crise da Humanidade que se converte em verdadeiro retrocesso e ao mesmo tempo, nos desafia a questionar como conceber a coletividade nesse processo degenerativo, disjuntivo e catastrófico.

A crença na ciência como única verdade; a política que não concebe a cidadania; a Educação fragmentada, conteudista, os fetiches, também apontados por Gadotti, da mercantilização e do consumo, são aspectos predominantes, apontados por Morin e Diaz, que nos conduzem ao abismo.

Dessa forma, a partir deste contexto planetário, os autores apresentam a necessidade de uma mudança profunda na Educação como possibilidade de promover a metamorfose necessária.

Para tal, se faz necessário repensar a Educação, compreendendo que as mudanças na Educação-Sociedade-Pensamento se retroalimentam. Contudo, como construir mudanças significativas no processo educativo, que possam interagir de fato com as realidades sociais; preocupada com a formação de uma nova consciência diante da crise planetária que se apresenta, com estruturas pedagógicas atreladas ainda a um pensamento científico disjuntivo, cartesiano e fragmentado? Como operacionalizar a complexidade, com um pensamento simplificador?

De fato, Morin e Diaz, apresentam-nos a compreensão de que é na crise do mundo que se faz possível um mundo em transformação, pois a crise planetária nutre-se também de possibilidades de ação, de “traços revolucionários e evolutivos”, que possibilitam transformação. A este processo os autores denominam Metamorfose. (MORIN; DIAZ, , 2016, p.5)

Como base dessa esperança mobilizadora, os autores nos apresentam alguns eixos norteadores:

Nas potencialidades da educação e da política transformadas.  
No pensamento do Sul.  
Na substituição do estar bem ou viver bem pelo bom viver.  
Na reconstrução dos ideais do conhecimento.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

No aproveitamento da conexão que a infra-estrutura da sociedade- mundo nos oferece.

Na reinvenção da educação como dispositivo capaz de contribuir com a tomada de consciência dos perigos que enfrentamos, e com a comunidade de destino que nos define.

Nas ações renovadoras que surgem a partir da base, envolvem os cidadãos e hoje ainda estão dispersas. (MORIN; DIAZ, 2016, p.6)

A esperança defendida trata-se daquela que se instala no improvável, que nos instiga a formação de um novo pensamento, uma nova consciência. Desafiadora de valores, de padrões, de métodos definidos, de certezas e verdades absolutas. Neste caminhar a Educação se apresenta, se constrói libertadora, crítica, reflexiva, desalienadora, integradora.

A tônica dessa construção não se desenvolve descontextualizada, mas se torna possível a partir de uma releitura crítica do modelo de desenvolvimento do mundo, refletindo sobre o que é qualidade de vida, sobre as relações de trabalho e mercado, sobre qual o mundo que queremos, repensando principalmente o papel da ciência, como ferramenta indispensável na promoção de estratégias para a redução de desigualdades.

Em consonância com Morin, Guimarães destaca a inter-relação entre os problemas ambientais locais e globais e aponta que a “natureza do problema” encontra-se justamente no modelo de sociedade atual, que se baseia no consumo, no individualismo, concentrador de riquezas, cartesiano e que produz e gera destruição. Para o autor, as sociedades contemporâneas, baseadas em um visão liberal e cartesiana, alcançaram o extremo do individualismo e assim, os seres humanos romperam o elo de ligação com a natureza, passando a uma relação antropocêntrica de dominação e de concentração de riquezas. (GUIMARÃES, Mauro. *A “natureza” do problema.*)

Assim, a apropriação privada dos meios de produção, a dissociação entre produtor e produto do trabalho, a necessidade de ampliar o excedente de tempo de trabalho para a geração de mais – valor e de promover o desenvolvimento científico e tecnológico para assegurar a eficiência econômica capitalista estabelecem uma totalidade alienada.

A alienação, o estranhamento de si mesmo e do outro, reduz esse outro a instrumento de realização que aniquila a semelhança e as diferenças entre as pessoas postas em relações de desigualdade opressora. Aniquila a livre

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

expressão e constituição da diversidade, que fica “mascarada” pelas expropriações sob a aparência do individualismo e de uma falsa liberdade de escolhas. (LOUREIRO, 2015).

Dessa forma, se faz necessário repensar a realidade construída e quais as escolhas que fizemos e faremos. Repensar a partir de um pensamento integrador, planetário, que possibilite encontrar a conexão com a existência. Um pensamento que permita a ruptura com o fragmentado, disjuntivo, mecanicista, puramente cartesiano engendrado na Escola, na Sociedade, na Ciência, enfim na Humanidade.

Morin nos interpela à Metamorfose. A Esperança no Improvável. Segundo Veiga, um pensar complexo “em que a incerteza não é expulsa, mas integrada, em que a dúvida não é desvalorizada, mas tomada em consideração, em que o limite do dizível, é o prenúncio de um novo conceito.” (VEIGA, Alfredo Pena, 2010, p. 12)

Estas ideias expressas por Veiga e Morin nos remetem a proposição da Pedagogia de Freire do ‘inédito viável’.

Esse “inédito-viável” é, pois, em última instância, algo que o sonho utópico sabe que existe mas que só será conseguido pela práxis libertadora [...] é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um “percebido destacado” pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade (FREIRE, 1992).

Trata-se, pois, da materialização do sonho almejado, da esperança no improvável, da possibilidade metamórfica emancipatória do pensamento convertido em ação, na escola, na formação, na sociedade, no mundo, num processo constante de retroalimentação.

## **2.3. UM DIÁLOGO COM A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Certamente não se torna possível tratar da Formação de Professores isoladamente às questões emergentes da Educação e do Planeta. Geraria reducionismo selecionar estratégias para propor aos educadores à construção de suas práticas pedagógicas em Educação Ambiental ou mesmo fragmentar análises descontextualizadas ao cenário e,

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

obviamente trataria assim de uma negação aos apontamentos sobre a complexidade que realizamos.

Sabemos que a Escola Pública hoje, por exemplo, sofre o reflexo das problemáticas sociais e ergue uma verdadeira bandeira de resistência na luta pela manutenção de sua própria existência, pela liberdade e autonomia docente, por melhorias salariais, por segurança, enfim pela garantia da Educação Brasileira Pública e de Qualidade.

Sendo assim, nosso diálogo neste recorte, parte de premissas construídas pelos autores apresentados, e assim pretendemos colaborar, para a discussão da Educação Ambiental no Curso de Formação de Professores, na Educação Básica.

Sabidos, dos aspectos legais que determinam a presença da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino, enfatizamos sobre a importância do olhar para a formação dos jovens e adultos inseridos nos cursos de formação de professores em nível médio, que são preparados para atuar com as crianças matriculadas na Educação Infantil e Ensino Fundamental 1º segmento nas escolas públicas e privadas.

Nossas interações na realidade dos cursos de Formação de Professores têm evidenciado que as políticas públicas brasileiras não foram suficientes para a incorporação da dimensão ambiental no currículo, contribuindo de tal forma à fragilização na formação crítica e emancipatória dos educadores ambientais.

Propostas de inserção da dimensão ambiental no currículo requerem reflexões sobre o processo de formação dos professores e conseqüentemente, uma reflexão sobre a escola. Qual escola e para que sociedade? A estas reflexões, se entrelaçam todas as questões já abordadas anteriormente, construindo de fato uma totalidade complexa.

Segundo Arroyo, 2013, se o campo do conhecimento, (trata-se do território dos currículos), fica submetido à sacralização de relações segregadoras sociais, essas são impostas à escola e a docência. Desta forma, a escola e a docência (não autônomas, não criativas) estarão a serviço da reprodução de interesses colocados a serviço da manutenção das relações de dominação e da acumulação das riquezas.

Quanto maior a perda da autonomia do próprio campo do conhecimento maior a perda da autonomia dos seus profissionais, os docentes. Lutar pelas nossas autorias sem criticar a submissão do conhecimento ao

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

mercado ou sem lutar pela autonomia do conhecimento será uma luta perdida. Sem avançarmos nessa maior autonomia do conhecimento fica difícil aos mestres, seus profissionais, garantir o direito dos educandos ao conhecimento. (ARROYO, 2013, p. 51)

Arroyo, 2013, promove também uma reflexão sobre o contraste da liberdade, da pesquisa e da produção defendida no ensino superior, nos cursos de Licenciatura, para seus pesquisadores-docentes, e a rigidez e o controle na educação básica, promovidos pelos mesmos licenciados que acompanharam e lutaram pelo dinamismo e autonomia em suas áreas universitárias. Esses licenciandos serão os professores (no Ensino Médio) dos futuros professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Além do território do currículo, apontamos para o pensar das práticas pedagógicas na formação dos jovens / adultos professores, no sentido emancipatório que podem possuir. Pensar os planejamentos e desenvolvimentos de atividades, nas diferentes circunstâncias em que são desenvolvidas. Pensar a possibilidade de estratégias pedagógicas que considerem o contexto, a problematização social, a inter-relação com o real, com o ambiente, com a vida, com a cultura, com todos os saberes; integradora e que possibilite a construção de pensamentos menos reducionistas e mais complexos. Refletir sobre os fundamentos e os referenciais teóricos que permeiam o cotidiano dos cursos de Formação de Professores. Quais concepções apresentam sobre Educação Ambiental? Caracterizam-se como ‘tradicionais / conservadoras’ ou ‘emancipatórias / transformadoras’? (LOUREIRO, Carlos Frederico, 2004). E, além disso, refletir sobre as especificidades presentes em suas práticas, permitindo sua resignificação.

Entendemos que a reforma do Ensino passa pela Reforma do Pensamento. Não há mais como se pensar Educação sem pensar Educação Ambiental. Nesse sentido, apontamos para a importância de um pensamento complexo, mas contextualizado, crítico, preocupado com as questões sociais e ambientais do planeta, presente na formação de professores, em nível médio, tanto para a própria formação desses jovens cidadãos, como para sua futura docência na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

### 3. METODOLOGIA

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Este trabalho é parte da Pesquisa que tem se desenvolvida no âmbito do Programa de Doutorado em Ciências Ambientais e Conservação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Campus Macaé Professor Aloísio Teixeira.

A pesquisa se desenvolverá por meio de uma abordagem qualitativa, com estudos bibliográficos, entrevistas realizadas aos docentes do Curso de Formação de Professores de duas escolas do estado do Rio de Janeiro, análise dos Currículos Mínimos do Estado do Rio de Janeiro e a recorrente pesquisa à legislação ambiental e pertinente à Educação.

Neste recorte apresentado, a escolha dos procedimentos metodológicos para a construção do *Corpus* teórico e o cruzamento com a problemática Educacional apresentada, realizou-se por meio da pesquisa bibliográfica acerca do referencial teórico de educadores da Educação Crítica, Educação Ambiental Crítica e da Complexidade.

O trato textual do trabalho propõe enfim uma discussão preocupada com a Formação de Professores de Ensino Médio com foco na formação de educadores ambientais.

## **4. DISCUSSÕES FINAIS**

Há diversidade de estudos em Educação e na formação de professores, diversidade de investigações sobre currículo e práticas pedagógicas, inclusive ambientais. Esta proposta intenciona provocar o diálogo com os cursos de Formação dos Professores da Educação Básica, por meio dos pressupostos teóricos apresentados de pensadores da Educação Crítica, Educação Ambiental Crítica e da Teoria da Complexidade.

Morin e os seus estudos sobre a Complexidade, permitiram que entendêssemos que nosso modo de conhecimento fragmentado produz ignorâncias globais; a reforma do conhecimento exige a reforma do pensamento e essa comporta um caráter epistemológico e reflexivo. Segundo o autor, é necessário dissipar a ilusão segundo a qual nosso conhecimento, inclusive o científico, disporia da plena racionalidade ou ainda, que a racionalidade poderia ser reduzida unicamente ao singular.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Diante do cenário de grandes desigualdades sociais e mudanças ambientais aceleradas pela ação do homem, Educação e Educação Ambiental, tornam-se instrumentos valiosos num projeto de construção de um novo pensamento metamorficamente planetário.

Para tal, entendemos ser necessário repensar o modelo de sociedade atual, a base de suas relações de mercado, de consumo, de produção e de trabalho. Repensar o conhecimento que é transmitido nas escolas e as práticas pedagógicas. Repensar o próprio papel da Educação e do fazer docente.

Sabendo da importância do ensino Infantil e dos anos iniciais do Fundamental, como base de toda formação educacional e também cidadã, pensar sobre a Formação de Professores da Educação Básica se torna imprescindível, tanto no que tange a melhoria dos processos pedagógicos, como a inserção da Educação Ambiental articulada à formação docente.

Nesse sentido, a formação de educadores ambientais no curso de formação de professores se apresenta como um desafio. Um desafio como a 'esperança no improvável': crítica, reflexiva e emancipatória, porque se constrói principalmente, por meio da releitura do modelo de desenvolvimento do mundo; porque se constrói ouvindo os que sempre falaram, gritaram clamaram por justiça e nunca foram ouvidos: os oprimidos; porque se constrói no respeito à diversidade, aos saberes construídos para além do método científico, mas pela História da humanidade. Nestes tempos de retrocesso, tal processo de formação requer busca e participação coletiva, porque se constrói como 'inédito-viável', sonho utópico, mas que pode ser construído pela práxis libertadora.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel, G. Currículo, **Território em Disputa**. Petrópolis: vozes, 2013.

BRASIL. **Lei n o 9.795**, de 27 de abril de 1999: dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial, 28 de abril de 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Notas: Ana Maria Araujo Freire. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Disponível em [http://peadanosiniciais.pbworks.com/f/Pedagogia da Esperanca - Paulo.pdf](http://peadanosiniciais.pbworks.com/f/Pedagogia_da_Esperanca_-_Paulo.pdf) Acesso em 19/07/2018

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um Sonho – Ensinar e aprender com sentido**. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, São Paulo, 2011.

GUIMARÃES, Mauro. A “natureza” do problema. Disponível em: [http://www.hortaviva.com.br/midiateca/bg\\_polenizando/msg\\_ler.asp?ID\\_MSG=114](http://www.hortaviva.com.br/midiateca/bg_polenizando/msg_ler.asp?ID_MSG=114) Acesso em 18/07/2018.

GUIMARÃES, Mauro. **Armadilha paradigmática na educação ambiental**. IN LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. LAYRARGUES, Philippe Pomier. CASTRO, R.S.de (orgs.). **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação Ambiental e Epistemologia Crítica**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Revista do PPGA/FURG-RS. Capa > v. 32, n. 2 ,2015. Disponível em: <file:///C:/Users/jeanete.fendeler/Downloads/5536-15676-1-PB.pdf> Acesso em 18/07/2018.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MÉSZÁROS, Istvan. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006. IN LOUREIRO, Carlos Frederico, **Educação Ambiental e Epistemologia Crítica**. Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. PPGA/FURG – RS, 2015, p.8 Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5536/3443> Acesso em 18/07/2018.

MORIN, Edgar. DIAZ, Carlos Jesús Delgado. **Reinventar a Educação – Abrir caminhos para a metamorfose da Humanidade**. Editora Palas Athena, São Paulo, 2016.

VEIGA, Alfredo Pena. **O Despertar Ecológico** – Edgar Morin e a ecologia complexa. Ideais Sustentáveis. Tradução: Renato Carvalheira do Nascimento e Elimar Pinheiro do Nascimento – Rio e Janeiro: Garamond, 2010, p.12

Recebido em novembro de 2018.

Aceito em dezembro de 2018.